

## **Lapa e Catumbi: Histórias de geografias que se inter cruzam na produção do espaço urbano do Rio de Janeiro como “lugares do espetáculo”**

### **1. Introdução**

Talvez, a primeira vista, a possibilidade de se fazer uma comparação entre a Lapa e o Catumbi não iria muito além do fato de estarmos nos referindo a dois bairros<sup>1</sup> da área central<sup>2</sup> do Rio de Janeiro. No entanto, refletindo sobre o conceito de lugar e sobre a possibilidade de sua contribuição nos debates urbanos no âmbito da geografia, pretendemos fazer desta improvável comparação, um tema que nos proporcione, entre outros objetivos, demonstrar a importância do conceito de lugar para o aprofundamento da compreensão da organização interna das cidades.

A produção do espaço é um tema caro às ciências sociais e dentre estas, especialmente à geografia. Há tempos, a produção do espaço (nas) das grandes metrópoles é um processo por demais complexo e em constante transformação. Observa-se aí, uma versão clara do campo de forças que ilustra um dos principais embates da produção do urbano<sup>3</sup>, definindo aquele agente que apresenta maior capacidade (maior poder político e econômico) de modificar os espaços e seus usos, de acordo com suas intenções.

A tentativa de padronizar determinados setores da vida em sociedade nas mais diferentes áreas do planeta advém da necessidade de otimizar a circulação dos fluxos (especialmente financeiros) de investimentos, os quais são facilitados quando temos uma “rede conectada” e “formatada” dentro de determinados parâmetros gerais. Assim, a cultura, os gostos, os modos de se relacionar com os outros e a representatividade de estar em determinados espaços são moldados a partir de uma mesma lógica, a qual deve ser “injetada” da forma mais eficiente possível em diversos países. Mais especificamente, o próprio arranjo do espaço passa a ser modificado dramaticamente, a fim de atender às necessidades e imposições “globais”. Verifica-se assim, que a organização do capitalismo em uma rede global, tem a cidade (“subjugada”) como um de seus principais nós que amplia e ordena a relação entre a produção e o consumo.

“No século XIX, e, sobretudo, no século XX, toma forma a racionalidade organizadora, operacional nos diversos degraus da realidade social (...) uma razão analítica levada às últimas conseqüências(...) ciência da cidade, conhecimento que tende para a planificação do crescimento e para o domínio do desenvolvimento” (LEFÉBVRE, 2006, pgs 22 e 111).

Um bom exemplo dessa atuação de planificação da cidade em prol de eficiência para a rotação do capital pode ser coletado quando observamos alguns aspectos da evolução urbana da cidade do Rio de Janeiro. Assim como em diversas cidades do Brasil e do mundo, o Rio de Janeiro viveu vários períodos de transformações urbanas. Áreas que desapareceram, locais que foram criados, viadutos, vias expressas, enfim, a constante tecnificação do espaço carioca se confunde com um longo período de sua história. Todavia, nos chama atenção, no momento atual, a questão dos bairros, especialmente

---

<sup>1</sup> Oficialmente, a Lapa não possui status de bairro. Todavia, com o sucesso dos empreendimentos ali implantados, a Prefeitura já manifestou o interesse em “efetivá-la”, 2009.

<sup>2</sup> Sobre a discussão do conceito de área central, ver CAPDEVILLE DUARTE (1977).

<sup>3</sup> “...o urbano enquanto experiência processual, enquanto existência significante e significativa em si mesma” (SANTOS, 1985, pg.8).

aqueles que contam (ou contavam) boa parte da história das cidades, lugares (e não simplesmente locais) recheados de memórias coletivas, de particularidades, tradicionais redutos das vozes e dos ecos que nos falam de processos sociais, culturais e políticos espontâneos. Diante das inúmeras abordagens sobre a idéia de bairro, privilegiaremos a dimensão do bairro como um local recheado de significados, de peculiaridades na vivência do cotidiano, ou seja, o bairro como lugar.

À medida que observamos a transformação da cidade, especialmente as grandes cidades, em mercadoria, em um espaço a ser organizado predominantemente a partir da necessidade de atender aos fluxos globais que tomam a cidade como nó fundamental, a sobrevivência dos bairros e de suas vidas sociais, especialmente aqueles mais tradicionais, já, não só nos preocupa, como, para muitos, já é causa de grande frustração e saudade. Aí, a questão local-global se intercrusa claramente com a transformação dos bairros. Não pensamos, aqui, somente na morfologia espacial, ou seja, naqueles lugares que desapareceram, mas também naqueles que tiveram aspectos de seu passado mantidos como rascunhos-cópia que servem a determinados interesses futuros. Os exemplos a serem citados desses dois casos na cidade do Rio de Janeiro são muitos, mas dois casos nos chamaram a atenção pelas semelhanças entre os processos espaciais que se verificaram e principalmente, porque ainda se verificam.

Esses dois tradicionais bairros<sup>4</sup> do centro do Rio de Janeiro possuem histórias, memórias, personagens muito diferentes, do mesmo modo, as transformações<sup>5</sup> mais radicais na morfologia espacial e nos conteúdos sociais de ambos, ocorreram em momentos distintos. Todavia, esperamos provar que se observarmos estas transformações de forma e conteúdo em ambos os bairros, tomando como categoria de análise fundamental a organização do espaço, podemos perceber semelhanças importantes nos processos que se verificaram. Tomamos como desafio, a hipótese de que esta semelhança entre a Lapa e o Catumbi, no que diz respeito à espacialidade, se verifica na medida em que ambos, foram em momentos distintos, transformados predominantemente a partir da lógica do que Guy Debord conceituou de “sociedade do espetáculo”. “O consumidor real torna-se consumidor de ilusões. A mercadoria é essa ilusão efetivamente real, e o espetáculo é sua manifestação geral” (DEBORD, 1997, pg. 33).

As necessidades de ampliação da malha viária da cidade em prol da redução do tempo do percurso entre a Zona Sul e o Centro e a possibilidade de construção de um local específico para que o Carnaval Oficial se transformasse efetivamente em um produto diferenciado em âmbito mundial, não estabeleceram um consenso com os moradores e frequentadores do Catumbi e podem ser apontadas como as duas principais modificações estabelecidas neste bairro. Apesar da incessante “luta” da Associação de Assistência e Orientação aos Moradores do Catumbi, o bairro foi destruído em grande parte para que o “desenvolvimento” da cidade não fosse prejudicado. Não houve conciliação entre a modernização e a vida dos moradores do bairro. Poucos anos depois, a facilidade de acesso à área pelos turistas e moradores da Zona Sul e da Barra da Tijuca, fez com que a rua Marquês de Sapucaí fosse escolhida para ser palco da construção do Sambódromo. A referência ao passado de festa, dos blocos de carnaval e da alegria espontânea, característicos dos moradores do Catumbi “pré-viaduto”, é inevitável. O

---

<sup>5</sup> No desenvolvimento do trabalho pretendemos especificar algumas diferenças nos processos de transformação nos dois bairros. Nos referimos à utilização do termo “revitalização” e outros como “reabilitação” e “requalificação”.

Catumbi está situado “entre o Estácio, onde renasceu o Carnaval e a Praça Onze, palco da verdadeira alegria do povo” (NUNES, 1978, pg.11). No entanto, não cabe o comentário sobre o fato de que o carnaval dos ricos se assentou (literalmente) sobre um bairro de passagem pobre, “favelado” e com alto índice de criminalidade. A festa, hoje, não faz parte do Catumbi, mas acontece no Catumbi. O bairro virou um cenário montado para o carnaval e para a circulação viária. Devemos, espetacularmente, fechar os olhos para os bastidores deste cenário.

“A sociedade que modela tudo o que a cerca construiu uma técnica especial para agir sobre o que dá sustentação a essas tarefas: o próprio território. O urbanismo é a tomada de posse do ambiente natural e humano pelo capitalismo que, ao desenvolver sua lógica de dominação absoluta, pode e deve agora refazer a totalidade do espaço como seu próprio cenário” (DEBORD, 1997, pg.112).

Na Lapa, a “imoralidade” da boemia, da malandragem e da prostituição, foi reprimida pelo Estado varguista na década de 1940. O longo período de decadência que se seguiu na Lapa foi interrompido em fins dos anos 1990. O potencial histórico da boemia lapeana fez com que o bairro se apresentasse como mais uma área promissora a ser ocupada pelas grandes redes de empresas de gastronomia e diversão que também operam na Barra da Tijuca e na Zona Sul da cidade. No fim dos anos 1990<sup>6</sup>, a Lapa “renasceu” para a boemia e para o turismo carioca. Deve-se perceber, entretanto, que esta “nova vida” não adveio de um movimento que tenha partido dos moradores, dos antigos freqüentadores ou mesmo, de um movimento de cariocas que pretendiam resgatar o prestígio e a imagem do bairro. A Lapa renasceu para uma “outra vida”. A boemia, os bares e restaurantes, a música, os freqüentadores, em geral, não representam a imagem ou a história da Lapa “tradicional”. Nem deveriam, já que aquela “antiga” Lapa era um conjunto de representações dialéticas de seu tempo. Todavia, nos parece que os comerciantes, entre outros agentes urbanos interessados, utilizam (vendem) a boemia de hoje sob o invólucro de ontem. Cunham (ou deturpam) o termo alternativo, como alusivo ao fato de que o jovem (imensa maioria do público da Lapa, hoje) estará em um ambiente que representa genuinamente o Rio de Janeiro, que possui “raiz”, que não é produzido previamente para gerar um determinado movimento, uma determinada moda e um lucro cada vez maior. Para aquele que quer “emancipar-se das bases materiais da vida invertida” (DEBORD, 1997, pg.141) e de seus espaços projetados como shoppings, condomínios, bares e restaurantes em “bairros ricos”, a Lapa seria uma alternativa totalmente adequada (ou enquadrada?).

Neste sentido, nossa hipótese trata da possibilidade de provarmos que ao tomarmos a organização do espaço como categoria de análise fundamental poderemos perceber que a Lapa e o Catumbi, apesar de bairros com histórias distintas, sofreram transformações sócio-espaciais que fazem com que se apresentem, hoje, predominantemente como lugares do espetáculo. Em ambos os bairros, “foi possível a falsificação tornar-se mais densa e descer até a fabricação das coisas mais banais, de toda existência cotidiana” (DEBORD, 1997, pg.153), inclusive do espaço banal, do lugar, que de espaço dotado de valor, tornou-se um local fadado à monumentalização, à imitação e à produção de um simulacro. “...se descobriu que a imagem urbana é uma mercadoria que pode gerar grandes lucros, notadamente com o turismo” (KEARNS e PHILO, 1993; in: ABREU, 1998, pg.9).

---

<sup>6</sup> Este processo teve início nos anos 80, com o “Circo Voador”, paradoxalmente um local em que a juventude da época se reunia, predominantemente, para shows de rock, um gênero musical nada tradicional na cidade.

“Quando o “meio ambiente”, como Natureza-espetáculo, substitui a Natureza Histórica, lugar de trabalho de todos os homens, e quando a natureza “cibernética” ou “sintética” substitui a natureza analítica do passado, o processo de ocultação do significado da história atinge o seu auge” (SANTOS, 1994, pg.24).

## **2. Objetivos e Metodologia**

Assim, defendemos a tese de que tanto a Lapa, como o Catumbi são lugares, fontes de identidades espaciais, as quais foram tragadas pelo “desenvolvimento” e rascunhadas na “embalagem” da espetacularização promovida nesses bairros, como parte do processo de reprodução do urbano (LEFÉBVRE, 2008). Em diferentes momentos da história contemporânea da cidade do Rio de Janeiro, a Lapa e o Catumbi transformaram-se em “lugares do espetáculo”, áreas que são revestidas por identidades programadas e recriadas com a intenção da venda.

Não estamos supondo que a espetacularização nesses bairros tenha produzido uma homogeneidade, ou um padrão que identifique a princípio esses dois bairros. Estamos, sim, com a intenção de realizar uma pesquisa que possa demonstrar que apesar de terem histórias, memórias e significados distintos no contexto urbano do Rio de Janeiro, a Lapa e o Catumbi de hoje, são, principalmente, lugares produzidos a partir de uma organização espacial voltada para o espetáculo, para venda do lugar, através de imitações forçadas de antigos símbolos.

### **2.1 – Metodologia Teórica**

Como encaminhamento do tema, tomaremos como norteador fundamental, uma divisão metodológica em três fases de acontecimentos que marcaram (e marcam) a história da produção dos lugares do espetáculo na Lapa e no Catumbi. Dessas três fases, este trabalho tratará prioritariamente da terceira, tomando as outras como referências fundamentais para o desenvolvimento da discussão. Lembramos, que estas fases foram construídas para efeito de análise, a partir dos processos espaciais semelhantes que vão se verificar na Lapa e no Catumbi. Portanto, tratam-se de fases geográficas da produção histórica dos lugares do espetáculo nos dois bairros em questão.

A primeira fase trata da produção do espaço na “Lapa Boêmia” e do Catumbi da festa, do samba. Lugares identificados por comportamentos, personagens e paisagens características, que expressavam fielmente e espontaneamente, o que eram a Lapa e o Catumbi. Como não estamos investidos de nenhum tipo de nostalgia ou romantização do passado, ficará claro que nesta primeira fase não teremos os “bairros perfeitos”, que em ambos os casos encontraremos problemas de diversas ordens, sociais, econômicos, culturais. A segunda fase trata das reformas urbanas que transformaram esses bairros e dissolveram a produção de um cotidiano repleto de significados e símbolos espaciais. No Catumbi e na Lapa, o “desenvolvimento” chegou e se impôs como a única possibilidade de futuro, não estando disposto a conciliar suas necessidades com as das populações locais.

“Generalização típica das chamadas teorias da modernização e do crescimento, que tiveram seu apogeu na década de 1960. Os efeitos positivos do desenvolvimento econômico eram tidos como “naturais” consequências dos processos de crescimento e modernização” (SOUZA, 1996, pg. 49).

Na Lapa dos anos 40 e no Catumbi dos anos 70, as reformas urbanas deflagraram momentos de reorganização espacial que condenaram esses bairros a períodos de decadência no que diz respeito à produção do lugar. Este período foi fundamental para a expansão urbana da cidade do Rio de Janeiro rumo à condição de metrópole nacional (ABREU, 1987). Finalmente, a terceira fase, trata dos processos de transformação da Lapa e do Catumbi. Esperamos provar que a dimensão da “Revalorização Urbana”<sup>7</sup> e da espetacularização prevaleceu sobre as intenções de melhorias nos dois bairros. A construção do sambódromo no Catumbi, em 1985, e a reconfiguração da Lapa em um “espaço temático” em fins da década de 1990, são os dois processos de reorganização espacial que efetivamente deflagraram a produção do espetáculo nos bairros em questão. A espetacularização se verifica na medida em que antigas identidades espaciais, imaginários desses bairros, servem, hoje, como cenários, ambientações, embalagens de produtos comerciais.

## **2.2 – Objetivos principais e específicos**

Apresentamos, portanto, uma proposta teórico-metodológica que pretende observar no tecido social, situações historicamente diferentes, mas espacialmente semelhantes. Através dos bairros da Lapa e do Catumbi, pretendemos provar que, mesmo com histórias, memórias, paisagens, significados tão distintos, esta comparação, a princípio improvável, pode nos revelar novas formas de compreender fenômenos sociais e reafirmar a importância da espacialidade e da geografia nos estudos urbanos. Neste sentido, provar que as histórias diferentes caminham para pontos de convergência através da geografia, tendo como suporte empírico a Lapa e o Catumbi, é o objetivo geral deste trabalho. Como objetivo específico, defendemos a tese de que os dois bairros abrigam, hoje, dimensões daquilo que poderíamos conceituar como “lugares do espetáculo”. Seria exatamente esta, a contribuição principal da geografia nesta discussão: proporcionar através da espacialidade, compreendermos como processos historicamente tão diferentes, possuem semelhanças geográficas tão fundamentais. Com isso, abrem-se novas possibilidades de reflexão a cerca das transformações da cidade, da sociedade e dos instrumentos conceituais que a geografia dispõe para pensar estas questões.

Neste instrumental conceitual da geografia, talvez, aquele mais marginal dentre os conceitos centrais, seja o lugar. Ainda que os questionamentos surgidos a partir da ampliação do processo de globalização tenham trazido o conceito de lugar mais para perto do centro dos debates da geografia, esta posição ainda está longe de ser proporcional à riqueza de contribuições que o conceito pode fornecer. Para este trabalho, o alicerce teórico do lugar será fundamental.

### Objetivos Gerais:

1. Demonstrar a importância do lugar como conceito capaz de contribuir com o aprofundamento da compreensão da organização interna das cidades.

2. Contribuir para a construção de uma dimensão do conceito de lugar que amplie o desenvolvimento do próprio conceito aplicado ao estudo do urbano.

### Objetivos Específicos

---

<sup>7</sup> “Uma revitalização da taxa de lucro ao invés de uma revitalização do centro da cidade” (SMITH, 1996, apud DUARTE, 2005, pg.4).

1. Demonstrar que apesar de histórias específicas, podemos encontrar semelhanças geográficas em processos espaciais que se verificaram (e se verificam) na Lapa e no Catumbi.

2. Analisar o papel desempenhado, hoje, na cidade do Rio de Janeiro, pela Lapa e pelo Catumbi como “lugares do espetáculo”.

### **2.3 – Metodologia Operacional**

Na tentativa de alcançar os objetivos propostos, daremos continuidade ao levantamento bibliográfico já iniciado, incluindo a análise de documentos relativos às intervenções urbanas na Lapa e no Catumbi. Também, pretendemos realizar trabalhos de campo no Catumbi e na Lapa, realizando entrevistas com freqüentadores e moradores dos bairros, além de lançarmos mão da observação participativa<sup>8</sup>.

### **3. O lugar do espetáculo**

Este trabalho pretende transitar não só pelos aspectos físicos da Área Central da cidade do Rio de Janeiro, como também pelo emaranhado de significados, memórias, representações e imagens que trazem à tona a questão da vivência do lugar. Aparece, portanto, uma ferramenta e um conceito fundamental da geografia que pode nos ajudar a cumprir as tarefas a que nos propusemos no início.

Quando colocamos em discussão áreas como a Lapa e o Catumbi, carregadas de simbologias próprias e que ao mesmo tempo, se fazem representar no conjunto de símbolos daquilo que é considerado típico do carioca, a escolha do lugar como conceito principal neste trabalho, se justifica. Da mesma forma, com o avanço tecnológico das comunicações e dos transportes, que ampliaram a necessidade econômica de evolução rápida e continuada da técnica no espaço, notadamente nas grandes cidades, trazem também uma imbricação entre as discussões de bairros históricos como a Lapa e o Catumbi e as formulações quanto ao conceito de lugar.

A partir da objetividade, o lugar é tratado como parte de um todo, estando inserido em determinado período histórico. Portanto, a partir desta perspectiva, pode-se esperar que o lugar sofra freqüentes mutações, já que seu sentido está indissociavelmente relacionado com a sucessão do tempo histórico. Por outro lado, a subjetividade reflete sobre um lugar que está além do tempo histórico, e que se encontra descolado do restante entorno. O lugar é materialidade, nos apresenta uma morfologia espacial, é físico, nós vemos e sentimos. Portanto, se também sentimos, o lugar não é só materialidade, está também envolto e produzido a partir de significados, valores, memórias. Assim, como nos propõe Nicholas Entrikin, as perspectivas objetivas e subjetivas são componentes fundamentais do lugar. “To understand place requires that we have access to both, an objective and a subjective reality(...)Place is best viewed from points in between” (ENTRIKIN, 1991, pg.5). Assim, Entrikin busca uma abordagem que seja capaz de teorizar sobre um lugar que carregue consigo duas dimensões indissociáveis. É

---

<sup>8</sup> Segundo (Costa, 1986), a observação participante proporciona os melhores resultados na obtenção de informações sobre comportamentos, discursos e acontecimentos observáveis, mas que passam despercebidos à consciência explícita dos atores sociais.

justamente da tensão entre a subjetividade e a objetividade, que nasce o lugar composto pela dimensão material, aquela que nos fala da localização dos objetos, de sua distribuição objetiva no espaço e da relação do lugar com a totalidade; e pela dimensão abstrata, aquela que trata dos símbolos e dos significados que são atribuídos pelos indivíduos ao lugar, e que dão sentido à própria arrumação dos objetos e das pessoas nesta porção do espaço geográfico.

A partir deste novo fôlego, a reflexão sobre o lugar levou geógrafos e não geógrafos a se depararem com questões como a rapidez da mobilidade, a criação em série de espaços homogêneos. Para Edward Relph, o que se verifica crescentemente, desde os anos 1970, quando escreveu “Place and Placelessness”, é a produção de não-lugares.

Relph (1980) e Augé (1994) limitaram a possibilidade de um indivíduo ou grupo social manter relações de afetividade, criar uma história de sentimentos com um espaço estandardizado, concebido a princípio para ser um local de passagem, que sirva àquela rapidez e à objetividade típicas de nosso tempo. Todavia, percebemos que o conceito não dá conta das mais variadas relações que os mais variados indivíduos e os grupos de indivíduos, podem estabelecer com um shopping ou um aeroporto. A dimensão do não lugar pode existir tanto na materialidade padronizada, montada da mesma forma em vários locais e que, portanto, limita a possibilidade de diferenciadas experiências sociais. Limita. Mas não impede que haja, através do tempo, quem veja diferenças claras entre o “seu” shopping e os outros. O não lugar nos chama a atenção para o aspecto, cada vez mais importante, da crescente produção de espaços homogeneizados (RELPH, 1980). Todavia, o conceito não dá conta de indicar categoricamente que estes espaços não admitem qualquer situação de construção pelo indivíduo ou por um determinado grupo social, de uma história, de lembranças, de afetividade que, portanto, transformam este local em lugar.

Foi através dessa retomada da discussão do lugar, que nos chamou a atenção um outro processo, que vem se verificando em diversas partes do mundo e, que tivemos contato na cidade do Rio de Janeiro. Trata-se da tentativa de reconstrução de significados, de imaginários, que existiram em determinados locais, antes degradados e que passam pelo que se vem chamando de “revitalização”. “...ressurreição artificial nos sistemas de signos” (BAUDRILLARD, 1981, pg.9). Os casos da Lapa e do Catumbi são ilustrativos deste movimento no caso da cidade do Rio de Janeiro.

Estas questões possuem grande interesse para a geografia, na qual, a cultura, a memória e a subjetividade produzem e são produzidas no e pelo espaço. Na verdade, o espaço impregnado de significados se transforma em lugar. E quando percebemos que estes significados estão sendo predominantemente produzidos a partir de uma lógica que está descolada dos seres humanos, já que possuem autonomia e só parecem humanas a partir de imagens produzidas<sup>9</sup> artificialmente, impõe-se, a necessidade de novas reflexões e talvez, de novas abordagens conceituais que consigam traduzir esta realidade. “A particularidade do Eu é um produto patentado (...) substituição do individual pelo estereótipo (...) nas fisionomias sinteticamente preparadas...” (ADORNO, 2007, pgs.56 & 58). “... o espetáculo é a afirmação da aparência...” (DEBORD, 1997, pg. 16). Assim, idéias como a indústria cultural e a sociedade do espetáculo podem nos ajudar a compreender como o lugar produzido a partir de uma lógica tributária da autonomia das

---

<sup>9</sup>“...coisas concretas são automaticamente senhoras da vida social” (DEBORD, pg.216).

mercadorias, se torna mercadoria e requer, portanto, a construção de novas dimensões em sua análise.

As possibilidades que o conceito de lugar nos apresenta para tratarmos das questões que identificam o indivíduo com determinada porção do espaço, o qual segundo (TUAN, 1983) torna-se lugar a partir do momento que é dotado de valor, justificam nossa escolha no sentido de aprofundar as análises da cidade agenciada a partir da lógica da “indústria do espetáculo”. A idéia do que estamos chamando de “lugar do espetáculo” pretende demonstrar que as memórias e os significados construídos e vividos espontaneamente em outros tempos, em determinado ambiente, são resgatados como caricaturas mercadológicas que promovem a ilusão<sup>10</sup> de estarmos vivenciando aquilo que é genuíno, produto espontâneo da cultura de um bairro, de uma cidade e de um povo.

“...a apropriação privada de recursos materiais historicamente acumulados (...) nas políticas culturais contemporâneas, encontram-se em operação processos que tanto atualizam, parcialmente, acervos históricos e naturais quanto conectam esses acervos a orientações de consumo e a dados selecionados da cultura popular e espontânea (...) transformação em mercadorias da própria riqueza presente na vida coletiva (RIBEIRO, 1995, pg.63).

#### **4. Lapa e Catumbi: do simulacro da boemia ao bairro varrido para debaixo do viaduto, lugares do espetáculo na cidade do Rio de Janeiro.**

Os 50 anos de “esquecimento” do bairro, de degradação, não eliminaram da história da cidade, as memórias da Lapa Boêmia. No final dos anos 1990, o bairro apareceu como uma área promissora para uma nova expansão do circuito da “noite carioca”. A revitalização da Lapa, a princípio, seria um projeto aprovado por todos. Aliás, qualquer ação pública séria, que se propusesse a executar melhorias em um bairro, especialmente quando se trata de um bairro tão emblemático e histórico, seria objeto de aplauso. Todavia, o que nos parece ter ocorrido, foi, somente, uma revalorização do bairro, da qual fizeram parte cadeias de entretenimento e restaurantes conhecidos na cidade. A construção mais recente de moradia na Lapa está sendo concluída por uma grande imobiliária, não tendo como alvo, evidentemente, os moradores que vivem, em péssimas condições no bairro. No entanto, nosso interesse principal nesta discussão relaciona-se às estratégias utilizadas para promover a “revitalização” da Lapa. Evocar a tradição de boemia do bairro foi a primeira medida tomada pela publicidade engajada no projeto de tornar a Lapa um local rentável para o entretenimento e para o turismo. Assim, iniciou-se o projeto de montagem de um cenário, de uma imitação de imagens que historicamente compuseram a Lapa Boêmia.

“...esses discursos são, freqüentemente, tão artificiais como as coisas que explicam e tão enviesados como as ações que ensejam (...) Diante de nós, temos, hoje, possível (e freqüente), com a falsificação do evento, o triunfo da apresentação sobre a significação, ainda que reclamando uma ancoragem” (SANTOS, 1994, pg.20).

A Lapa que ficou famosa pela boemia começou a ser desmontada pelo Estado Novo de Getúlio Vargas. A ideologia do trabalho e dos “bons costumes” não admitiria a continuidade de um lugar tão importante na capital, afeito à boemia, à criação e à

---

<sup>10</sup> “...subjetividade contemporânea sob efeito da Indústria Cultural” (KEHL, 2003).



discussão política. O governo não aprovava a Lapa ”com seus cortiços, pensões, tascas, casas de lazer barato, hábitos e costumes pouco elegantes e mesmo reprováveis...” (COSTA, 1993, pg. 89).

“Vieram logo depois o fechamento dos prostíbulos e a decretação da ilegalidade do jogo. Os malandros iriam ficar por ali, esperando o quê? Dispersaram-se, empobreceram, arribaram nos subúrbios, em casas de parentes humildes que os esperavam, cheios de fé, com uma cama por forrar e um prato a mais a pôr na mesa” (LUSTOSA, 2001, pg. 5).

Nas proximidades da Lapa estavam, o quartel da Polícia Especial, a delegacia do Catete e na rua da Relação a chefia da Polícia Central. Não foi difícil dispersar malandros, intelectuais, opositores do regime e fechar cabarés na Lapa. A década de 1940 assistiu ao desmonte da histórica Lapa Boêmia. No início da década de 1960, “...a Lapa sofreu sua primeira e assustadora mutilação: puseram abaixo parte considerável da rua Evaristo da Veiga, onde ficava localizado o “Café e Bar dos Lordes”, grande reduto de artistas e boêmios. (...) Em 1972, começaram as demolições em massa, e no final do governo Chagas Freitas, reurbanizada, seria inaugurada e entregue ao público a nova Lapa. Ficou irreconhecível: um logradouro como outro qualquer, de subúrbio carioca” (DAMATA, 1978, pg. 17). A transformação física do bairro não alterou a situação de decadência. Só varreu algumas rugosidades que lembravam o auge da Lapa boêmia, aprofundando a descaracterização do bairro. A Lapa com ruas “...completamente descaracterizadas, em luta desigual com o progresso” (DAMATA, 1978, pg. 18).

Hoje, a Lapa está plenamente inserida no roteiro carioca do turismo e do entretenimento. Cumpre a função de proporcionar um ambiente pretensamente ligado de modo direto à essência do carioca, às raízes do Rio de Janeiro. As caricaturas do “malandro” e da “boemia” estão estampadas nas boates e restaurantes da Lapa, que são, basicamente, os mesmos da Zona Sul, ou da Barra da Tijuca, mas que na Lapa assumem uma “identidade mais carioca”. Ou são filiais de boates e restaurantes consagrados, ou são imitações destes, com outros nomes e outras embalagens.

“Fortuna cuidou da abertura do Parada da Lapa, choperia com espaço para pequenos shows, colada ao aqueduto-símbolo do bairro. A casa noturna Rio Scenarium, que chega a receber 2 mil clientes em uma noite, inaugurou uma nova área anexa para cerca de 400 pessoas. No novo espaço, será possível assistir a apresentações líricas e de música de câmara. Principal articulador da revitalização da Lavradio, hoje um dos pólos de música e gastronomia, o mineiro Plínio Fróes, sócio da Rio Scenarium e da cachaçaria Mangue Seco, prepara a inauguração da terceira casa do grupo, o restaurante Santo Scenarium. “Existem prédios comerciais e condomínios sendo construídos ao redor da Lapa. O movimento vai aumentar muito”, prevê Fróes, que não costuma errar quando o assunto é o centro do Rio. O investimento das construtoras é um bom termômetro do que pode acontecer por ali. De acordo com a Associação de Dirigentes de Empresas do Mercado Imobiliário, desde 2005 foram lançadas na Lapa 866 novas unidades de moradia. No mesmo período, o bairro de Botafogo teve lançamento de 623.”<sup>11</sup>

O apelo ao principal símbolo do bairro, os arcos, como cenário para emoldurar o comércio, querendo passar uma imagem de que estamos desfrutando da originalidade da Lapa Boêmia, é tão perceptível quanto os nomes que evocam o passado genuinamente boêmio da Lapa. Aliás, algumas das casas mais famosas da Lapa, hoje, o “Rio Scenarium” e o “Santo Scenarium”, parecem definir a essência da cidade mercadoria e do bairro do espetáculo. Monta-se um simples cenário, que é modificado a partir dos

---

<sup>11</sup> (REVISTA CARTA CAPITAL, número 456, Agosto, 2007).

símbolos que transformam o espaço em lugar(?), de acordo com o ritmo do comércio. Nomes como “Sacrilégio” e “Carioca da Gema”, também nos permitem concluir que seja através do estigma de “lugar do pecado” ou da idéia de que estar na Lapa é desfrutar do ambiente do “típico” carioca, a chamada sempre evoca os significados atribuídos e vividos historicamente em uma outra Lapa. Este processo de “transfiguração da “alma própria” (SOUZA, 1989, pg.165), montar o cenário (noturno) da Lapa “boêmia” para o turismo e o entretenimento das classes média e média-alta, atinge o auge no final dos anos 90. Todavia, identifica-se o início da montagem do cenário, 10 anos antes.

“É óbvio que, sendo as bases materiais do bairro clássico minadas pela dinâmica envolvente ou pela cirurgia urbana pura e simples, não é o conteúdo interacional o único a ser vitimado; e a descaracterização do conteúdo composicional reflete-se mesmo no enfraquecimento do conteúdo simbólico. Para exemplificar com o Rio de Janeiro, fiquemos com a velha Lapa boêmia, desmantelada após décadas de perseguição à malandragem e cirurgias urbanas, e finalmente tendo seu estigma de “lugar do pecado” “domesticado” nos anos 80, com sua vida noturna sendo grandemente avivada e apropriada pela classe média” (SOUZA, 1989, pg.164).

À noite, predomina a Lapa do entretenimento. Durante o dia, sem o glamour das “empresas” da noite, o bairro é pobre, sujo, desprovido de segurança e de um comércio forte e alvo de assaltos frequentes. As habitações são antigas, sujas e mal iluminadas. Em geral, os moradores do bairro só têm contato com a Lapa do dia. A da noite, não é para eles, pessoas das classes média-baixa e baixa. A exceção fica por conta das novas construções imobiliárias, que não são para os moradores que já estavam na Lapa. Os frequentadores da Lapa “boêmia” são turistas e jovens das classes média e média-alta. Neste processo de revalorização do bairro, foi o Estado que “...elaborou o projeto “Distrito Cultural da Lapa”. Ele previa ações dos governos municipal e estadual nos quesitos iluminação, segurança, limpeza, sinalização e estacionamento...”<sup>12</sup>. Para que o espetáculo não sofra com os problemas da realidade do bairro, as casas de shows e entretenimento contratam seguranças particulares, inclusive para fazer a segurança externa de seus fregueses. Uma diretora de um desses estabelecimentos comenta que é normal “...os seguranças acompanharem as pessoas até o estacionamento. Ontem tivemos muitos assaltos na fila dos ingressos”.<sup>13</sup> No entanto a “revitalização” não lembrou, mesmo tendo participação ativa do Estado, daqueles que já moravam na Lapa. Para esses, dos quais alguns provavelmente fazem parte efetiva da memória da Lapa, o cotidiano está muito afastado do Estado. “...o reforço de policiamento ocorre somente à noite...”<sup>14</sup>. O próprio secretário municipal de Assistência Social admite “que existe ali uma gangue que vende e usa droga à luz do dia. É uma quadrilha formada. Se nada for feito, vai acontecer uma tragédia maior. A Lapa pode vir a ser a Candelária de 2008”<sup>15</sup>. O discurso, bem diferente daquele dos empresários que atuam na venda da “Lapa Boêmia” montada para o espetáculo do comércio noturno, é verificado na prática:

“De fato o cenário que a equipe do GLOBO flagrou na tarde de ontem denunciava a permanência do estado de abandono da área. Grupos de moradores de rua, entre eles muitos menores de idade, cheirando cola de sapateiro e solvente sem ser incomodados por qualquer policial”<sup>16</sup>.

---

<sup>12</sup> Jornal O Globo – 21 de Agosto de 2008.

<sup>13</sup> Id.

<sup>14</sup> Jornal O Globo – 22 de Agosto de 2008.

<sup>15</sup> Id.

<sup>16</sup> Id.

Este cenário encontrado pela equipe do jornal, que não possui o *glamour* do *scenarium* da noite que transforma o lugar em espetáculo, nos remete a tentar compreender os mecanismos que levam à produção do lugar do espetáculo.

“Na virada do milênio, iniciou-se um processo de valorização da memória das cidades no Brasil. Uma das questões que surgem a partir da constatação desta tendência é o que está por trás da valorização atual do passado” (ABREU, 1998, pg. 6).

Com isso, reafirmamos que não estamos investidos de saudosismos, querendo supor que já tivemos a Lapa “perfeita” ou o Catumbi “perfeito”. Sabemos que ambos os bairros passaram por problemas de diversas ordens ao longo da história da cidade. O que queremos compreender é como se constituem a Lapa e o Catumbi do espetáculo. No caso do Catumbi, por exemplo, os problemas da população com alagamentos, transportes e outros eram comuns, pelo menos desde o início do século XX.

Ao nos iniciarmos na difícil tarefa de reavivar um pouco da história do Catumbi, vemos que a alegria, a cultura popular e principalmente o samba faziam parte do dia a dia dos moradores e dos freqüentadores do bairro. O samba, entendido neste caso, como uma festa efetivamente popular e a alegria foram, durante pelo menos 70 anos, os principais componentes do imaginário referente ao “povo” do Catumbi. “As desapropriações seccionaram o tecido do bairro, desmantelando unidades completas que mantinham relações internas de caráter simbólico” (SANTOS, 1985, pg.32).

A cirurgia urbana da década de 1970 que “varreu” o bairro (ou o que não foi destruído) para debaixo do viaduto transformou não só a paisagem e o conteúdo social, como promoveu a possibilidade de uma reutilização dessa identidade espacial sob o formato de mercadoria. O “progresso” e o “desenvolvimento” proporcionados pelo viaduto, necessário para a ampliação da mobilidade urbana quase destruíram por completo o Catumbi. Aparentemente não houve disposição suficiente para o estabelecimento de uma conciliação entre a necessidade da expansão da malha viária da cidade e a necessidade de sobrevivência da dignidade e do direito (da esmagadora maioria dos moradores) ao bairro. Apesar da força que a Associação dos Moradores do Catumbi adquiriu ao longo de oito anos de protestos, conversas, pedidos e propostas de soluções conciliadoras, o samba é, talvez, o único vestígio que guarda(?) uma parte da memória do Catumbi pré-viaduto. À construção do viaduto, seguiu-se, dez anos depois, a construção do sambódromo na Avenida Marquês de Sapucaí. Todavia, o samba da Marquês de Sapucaí está muito longe de representar o (que sobrou do) “povo” do Catumbi, aliás, a própria Marquês de Sapucaí parece estar muito longe do Catumbi. Ainda que a Marquês de Sapucaí seja parte fundamental da história do bairro, à imagem do Sambódromo, não se vincula a lembrança de que estamos no Catumbi. Vocação para o samba e a localização estratégica, nos parece que perfazem alguns dos elementos mais importantes para a escolha do Catumbi para a construção do Sambódromo. Além disso, o estigma de bairro pobre, feio, sujo, “favelado” e de passagem, que persegue o Catumbi (quando este vem à lembrança de algum carioca) pós-viaduto, provavelmente não foi uma grande preocupação para a embalagem do produto “Samba na Sapucaí”. A maior parte dos cariocas esqueceu que o Catumbi existe, outros já nasceram sem nem sequer saber que ele existe ou que já existiu. Portanto, com a montagem da “Sapucaí do Sambódromo”, enterrar a Sapucaí do Catumbi não foi uma tarefa difícil. Assim, o samba e a Sapucaí sobreviveram, ou melhor, suas aparências foram ressuscitadas (produzidas) com uma nova embalagem e um novo conteúdo, essencialmente mercadológicos, que não

mantém qualquer vínculo com o Catumbi e que não geram nenhum benefício para o bairro. Nos parece que não se trata de memórias ou de identidades espaciais renovadas, mas sim deturpadas, através de sua domesticação e, finalmente, comercialização.

“A ironia é que a quadra de ensaios da escola de samba Unidos de São Carlos já foi para o brejo há muito tempo e agora, para dar lugar ao samba de empresa, o Bafo da Onça também vai ficar sem sua sede. Tá certo, nós somos o berço do samba, lá na Senhor de Matosinhos já tivemos os blocos Galo de Ouro, Cartolas Escovados e Coração de Ouro, mas o pessoal está pensando que só porque gostamos de carnaval temos de ser sacrificados para eles fazerem um Maracanã do samba e faturarem nas costas do pessoal que desce do morro para alegrar os turistas e estes bestas metidos a ricos que têm dinheiro para os ingressos que a Riotur está cobrando” (NUNES, 1978, pg.192).

A construção de um viaduto e de um túnel, ligando a rua Frei Caneca à rua do Riachuelo eram prioridades no plano urbanístico que pretendia descentralizar e dinamizar as atividades econômicas da cidade. Desde o início (1967), estavam previstas diversas desapropriações e demolições. Os moradores reclamavam há muito tempo da precária infra-estrutura do bairro em termos de escolas, saneamento, transportes e, para muitos, o governo tinha finalmente voltado os olhos para o “povo” do Catumbi. Todavia, o objetivo do Estado não era atender às necessidades dos moradores do bairro, mas dos negócios da cidade. Rapidamente, a maioria dos moradores percebeu que se tratava de um caso de especulação imobiliária e que eles não faziam parte do plano. Foi aí que começou um período de mais de 8 anos de resistência da Associação dos Moradores do Catumbi. O plano previa a extinção do bairro, que daria lugar a vias de acesso e a unidades habitacionais.

O Catumbi do século XX foi um bairro basicamente formado por imigrantes e seus descendentes. Sua localização de fácil acesso à área portuária, às Zonas Sul e Norte e a moradia barata, atraíram a formação de “...pequenas colônias de portugueses, italianos, espanhóis e ciganos. Além disto, o local é um reduto tradicional do samba e abriga blocos famosos em toda a cidade” (SANTOS, 1985, pg.14). No século XIX, era um bairro residencial de classe média alta. A partir do século XX, especialmente por conta da expansão da malha urbana, os moradores abastados se mudam para a Zona Sul e a Tijuca.

“... uma série de bairros (Lapa e Catumbi, por exemplo) que serviam de local de residência para classes de baixa renda ou abrigavam funções de apoio ao comércio e à indústria. Esses bairros tinham sido, outrora, local de residência de classes mais abastadas, e o fato de que não mais o eram já refletia uma mudança ocorrida na sua forma-conteúdo, já refletia a perda de sua função inicial. Atualmente, muitos desses bairros praticamente desapareceram do cenário carioca por exigência dessa mesma dinâmica da estruturação do espaço...” (ABREU, 1981, pg. 582).

Não se pode deixar de esclarecer que os moradores não eram contra o plano de Reforma Urbanística, mas queriam participar dele e queriam poder permanecer no bairro. “...ninguém era contrário ao plano de reurbanização mas chamava-se a atenção para um aspecto desumano pois não era previsto que a população pudesse participar desse processo ficando na área” (FRIDMAN, 1980, pg.79). Na luta dos moradores pode-se perceber a profundidade das raízes que ligam essas pessoas com aquela área da cidade. As histórias, as memórias, o samba e a paixão que a vida cotidiana trouxe pelo Catumbi, ficam expostos no sofrimento de quem viveu e queria ter continuado a viver neste *lugar*. Alguns depoimentos coletados pela jornalista Guida Nunes em seu livro sobre o bairro são muito ilustrativos neste sentido. “Nasci aqui, nossa filha nasceu aqui, sempre vivi

aqui e não quero ir para outro lugar” (NUNES, 1978, pg.46). “...não vê razão no meu sofrimento. Se esquece de que eu nasci no bairro, fiz parte da primeira turma que estudou na Escola Estados Unidos,...” (NUNES, 1978, pg.100).

A destruição camuflada com o verniz do progresso, do “desenvolvimento”, materializado na monumentalização, que deu de presente à cidade o viaduto e o sambódromo, desalojou 2000 famílias e mutilou o bairro. “Em 1975, já se havia desalojado 1000 famílias (700 da Av. Salvador de Sá até o túnel e 300 entre a Salvador de Sá e a Frei Caneca para a construção da passarela do samba” (FRIDMAN, 1980, pg.84). Foi prometida a construção “de equipamentos urbanos como educação, saúde, inclusive na rua do Catumbi números 67 e 69 já se aprovou a instalação de um Clube do Samba e de uma creche, respectivamente” (FRIDMAN, 1980, pg.93). Evidentemente, as promessas não se efetivaram, nem aquelas que já estavam “aprovadas”.

O Catumbi foi drasticamente modificado em prol do crescimento urbano e da facilidade de acesso viário entre as principais áreas da cidade. É razoável pensarmos até que ponto o bairro, antes da construção do viaduto, precisava de reformas e investimentos. Tratava-se de um bairro com problemas de infra-estrutura (calçamento, saneamento, favelização), como a maioria dos bairros cariocas, ainda hoje. Todavia, a construção de um viaduto, a destruição de centenas de casas e lojas e a construção do Sambódromo, não fizeram o Catumbi um bairro melhor para quem lá vive. Por outro lado, para o morador de Laranjeiras que trabalha no Centro, ou para o morador da Tijuca que vai passear em Botafogo, a vida urbana melhorou sensivelmente. “...colocaram as galerias para acabar com as enchentes e agora que estamos com mais conforto querem nos tirar daqui? (...) colocaram essa linha de ônibus entre a Tijuca e a Zona Sul, é uma maravilha. Só que os ônibus já passam por aqui cheios e não param” (NUNES, 1978, pgs.39,107). Dos imóveis que deveriam ser construídos para os moradores do Catumbi, diante das desapropriações, foram construídos 72 apartamentos na rua do Chichorro. Foram os únicos e 2000 famílias do Catumbi permaneceram desalojadas.

Neste sentido, o Catumbi não foi pensado pelo poder público a partir das necessidades de seus moradores, ou mesmo como lugar recheado de símbolos, memórias, significados que eram o cotidiano de milhares de pessoas. “...o ser, privado do lugar, perde suas referências existenciais e sociais. Encontra-se sem universo, sem lar, sem eira nem beira. Não está, por assim dizer, em parte alguma, está em qualquer lugar, como destroços flutuando no vazio do espaço” (POULET, 1992; In: COSTA, 1993, pg.132 & ABREU, 1998, pg.11). A possibilidade de conciliar a modernização urbana com a permanência da cidadania no Catumbi não foi páreo para a especulação imobiliária. “O Estado é aquele que arbitra, vigia e pune diferenciadamente, aquele de quem devemos ter medo, e não aquele que assegura com imparcialidade os direitos de um cidadão ativo e exigente” (OLIVEIRA, 2002, pg. 51).

A ilustração do recuo da cidadania no Catumbi apresentou exemplos extremos, tanto na construção do viaduto, como na construção do sambódromo. “...algumas desapropriações são efetuadas no prazo de 24 horas. Tal expediente tem levado muitas famílias ao desespero” (FRIDMAN, 1980, pg.84). O melhor exemplo deste desespero verificado por Fania Fridman, foi contado por Guida Nunes, no momento em que se iniciavam os preparativos para a construção do Sambódromo: “Na Rua Marquês de Sapucaí, um velho paralítico foi colocado na calçada, enquanto sua casa era destelhada e os móveis colocados na rua” (NUNES, 1978, pg.150).

## 5. Considerações Finais

O lugar do espetáculo é produzido a partir da falsificação, da cópia de significados, de personagens históricos e de imaginários, que existiram de modo espontâneo e, que agora fazem parte da montagem de um cenário artificial e comercial. O local é vendido a partir da manipulação da essência do lugar. O local é vendido como lugar. A Lapa Boêmia e o Catumbi do Samba, são lugares do passado, que foram reaproveitados comercialmente, de modos diferentes, mas que se estabelecem a partir da lógica do espetáculo, da monumentalização e da falsificação. É justamente através destes artifícios, que o local é comercializado como lugar.

No entanto, isto não quer dizer que o indivíduo não possa estabelecer uma relação afetiva com o lugar do espetáculo. Ainda que em muitos casos, por exemplo, no caso da maioria dos frequentadores, que são jovens, a relação de afetividade seja mediada por sentimentos, valores e imaginários que não existem mais, que não se estabeleceram entre o indivíduo e o local, que, portanto, torna-se lugar, mas entre o indivíduo e aquele local que lhe foi vendido como lugar. Assim, ainda que haja uma limitação clara na perspectiva da experiência social, a idéia do lugar do espetáculo não pretende se estabelecer a partir da possibilidade ou não do indivíduo manter uma relação afetiva com o local, mas a partir da introdução da falsificação, da cópia e da simulação de ambientes, personagens, imaginários e significados na montagem do lugar.

Assim, reafirmamos que estabelecemos como hipótese norteadora deste trabalho a seguinte discussão: Na atualidade, a Lapa e o Catumbi se configuram como “lugares do espetáculo”, bairros de longa tradição no imaginário e na história carioca, e que foram transformados, à revelia das populações locais, em cenários-mercadoria. “Se ainda há restos de boemia, em suas ruas, a ela não mais pertencem; são migalhas de Copacabana ou a curiosidade de forasteiros. A Lapa de hoje é conspícua, sua boemia, estranha ao meio, é de pessoas em trânsito” (DAMATA, 1978, pg. 63).

Estamos propondo a construção da idéia de que, atualmente, o Catumbi e a Lapa são espaços organizados predominantemente a partir de uma mesma lógica, a lógica do espetáculo. Histórias e memórias da Lapa e do Catumbi são, hoje, o pontapé inicial para a espetacularização de ambos. Desse modo, esperamos provar, que mesmo com componentes bem diferentes, no que se refere às particularidades históricas, às memórias, à representatividade simbólica e à paisagem, a Lapa e o Catumbi de hoje, constituem espacialidades que se inter cruzam de modo fundamental. Bairros que contam parte importante da história da cidade e que na contemporaneidade têm suas memórias e identidades resumidas em caricaturas e, reproduzidas artificialmente, como embalagem (pretensamente genuína) de um “lugar do espetáculo”.

## 6. Bibliografia Citada

ABREU, Maurício. 1981. *Contribuição ao estudo do papel do Estado na evolução da estrutura urbana*. Revista Brasileira de Geografia. 43 (4): 577-585. out-dez. 1981.

\_\_\_\_\_. 1987. *Evolução Urbana do Rio de Janeiro*. IPLAN RIO.

\_\_\_\_\_. 1998. *Sobre a memória das cidades*. Rev. Território, UFRJ, ano III, n.4, jan-jun .

ADORNO, T. 2007. *Indústria cultural e sociedade*. Paz e Terra. 4ªEd. São Paulo.

- AUGÉ, Marc. 1994. *Não Lugares: Introdução a uma Antropologia da Supermodernidade*. Papirus.
- BAUDRILLARD, Jean. 1981. *Simulacros e Simulação*. Relógio d'água. Antorpos Lisboa.
- CAPDEVILLE DUARTE, A. 1977. *Hierarquia de localidades centrais em áreas sub-povoadas: o caso de Rondônia*. Revista Brasileira de Geografia – pp.135-147. n°2.. IBGE. Rio de Janeiro.
- COSTA, António Firmino da. 1986. *A Pesquisa de Terreno em Sociologia*. In: Silva, A. S. & Pinto, J.M. *Metodologia das Ciências Sociais*, Porto: Edições Afrontamento, pp.128-148.
- COSTA, Rosalina. 1993. *Em busca do espaço perdido :a reconstrução das identidades espaciais do bairro da Lapa na cidade do Rio de Janeiro*. Dissertação de Mestrado, Depto. Geografia – UFRJ.
- DAMATTA, Gasparino. 1978. *Antologia da Lapa: vida boêmia no Rio de ontem*. Rio de Janeiro.
- DEBORD, Guy. 1997. *A sociedade do espetáculo*. Editora Contraponto.
- DUARTE, R. 2005. *O processo de reabilitação e renovação urbana na cidade do Rio de Janeiro e suas perspectivas*. Scripta Nova. Revista Eletrônica de Geografia e Ciências Sociais. Universidad de Barcelona. Vol. IX, núm. 194 (44).
- ENTRIKIN, J.Nicholas. 1991. *The betweenness of place*. London. Macmillan Education.
- FRIDMAN, FANIA. 1980. *Prática de planejamento: o caso do Catumbi na cidade do Rio de Janeiro*. Dissertação de Mestrado - IPPUR/UFRJ. Rio de Janeiro.
- KHEL, Maria R. 2003. *O espetáculo como meio de subjetivação*. Estudos Gerais da Psicanálise: Segundo Encontro Mundial, Rio de Janeiro.
- LEFEBVRE, Henri. 2006. *O direito à cidade*. 4ª ed. Rio de Janeiro, Ed. Civilização Brasileira.  
 \_\_\_\_\_ . 2008. *Espaço e política*. Belo Horizonte. Ed. UFMG. 190p.
- LUSTOSA, Isabel. 2001. *Lapa do Desterro e do Desvario*. Ed. Casa da Palavra. Rio de Janeiro.
- NUNES, Guida. 1978. *Catumbi: Rebelião de um povo traído*. Petrópolis. Vozes.
- OLIVEIRA, Márcio Piñon. 2002. *Cidadania no Brasil: Elementos para uma análise geográfica*. Revista Geographia - pp.45-53. Ano 3 - n° 6, 2002. Rio de Janeiro. UFF.
- RELPH, Edward. 1980. *Place and Placelessness*. London: Pion.
- RIBEIRO, Ana C. Torres. 1995. *O espetáculo urbano no Rio de Janeiro: comunicação e promoção cultural*. Cadernos IPPUR – UFRJ, ano IX, n. 1/4, Jan/Dez. 1995.
- SANTOS, Carlos N. Ferreira dos. 1985. *Quando a rua vira casa*. IBAM/FINEP. 3ª ed. São Paulo. 156p.
- SANTOS, Milton. 1994. *Técnica, espaço, tempo, globalização e meio técnico-científico e informacional*. Hucitec – São Paulo.
- SOUZA, Marcelo Lopes. 1989. *O bairro contemporâneo: Ensaio de abordagem política*. Revista Brasileira de Geografia – pp.139-172. V.51. n°2. abr/jun. IBGE. Rio de Janeiro.  
 \_\_\_\_\_ . 1996. *Urbanização e desenvolvimento no Brasil atual*. São Paulo. Ática. 87p.
- TUAN, Yi-Fu. 1983. *Espaço e Lugar: A Perspectiva da Experiência*. São Paulo: DIFEL.